Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

A AFRO-GAUCHIDADE E A *CIMARRONAJE* NA POESIA DE OLIVEIRA SILVEIRA

AFRO-GAUCHIDADE AND CIMARRONAJE IN THE POETRY OF OLIVEIRA SILVEIRA

AFROGAUCHIDADE Y CIMARRONAJE EN LA POESÍA DE OLIVEIRA SILVEIRA

Jucelino Viçosa
Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas/RS, Brasil

Resumo

O ensaio destaca a afro-gauchidade e a *cimarronaje* presentes na *Décima do negro peão*, em que Oliveira Silveira evoca a identidade gaúcha, reproduz a atuação do negro e o coloca como agente cultural de significativa participação social. Aborda-se sua trajetória pessoal, a origem interiorana, a formação intelectual e a condição de poeta com vasta obra de significativa importância no cenário cultural. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica–com uma leitura atenta do poema *Décima do Negro Peão*, integrante da antologia *Oliveira Silveira: obra reunida*; com o propósito de identificar a presença negra no cotidiano do cenário rural do Rio Grande do Sul como forma de dar visibilidade e fortalecer a identidade do negro nesse ambiente campeiro, bem como na edificação do tipo gaúcho, tendo como embasamento teórico pesquisadores tais como Zilá Bernd (1988; 2018), Lélia Gonzalez (1988), Edizon León Castro (2015), Quintin Quintana (2023) entre outros. A poesia de Oliveira Silveira constrói um universo de subjetividade e de sensibilidade ao reproduzir episódios do passado, e faz da literatura um instrumento de contestação, valoriza a participação do negro na sociedade e torna a negritude motivo de orgulho, de dignificação da pessoa negra.

Palavras-chave: Afro-gauchidade; C*imarronaje*; Poesia; Cultura.

Abstract

The essay highlights the Afro-gauchidade and cimarronaje present in Décima do negro peão, in which Oliveira Silveira evokes the gaucho identity, reproduces the actions of black people and places them as cultural agents of significant social participation. His personal trajectory, his rural origins, his intellectual formation and his condition as a poet with a vast work of significant importance in the cultural scene are addressed. Bibliographic research was used with a careful reading of the poem Décima do Negro Peão, part of the anthology Oliveira Silveira: obra reunida; with the purpose of identifying the black presence in the daily life of the rural scene of Rio Grande do Sul as a way of giving visibility and strengthening the identity of

VIÇOSA, Jucelino. A AFRO-GAUCHIDADE E A *CIMARRONAJE* NA POESIA DE OLIVEIRA SILVEIRA. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 67, N. 67, p. 1-20, dezembro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

black people in this rural environment, as well as in the construction of the gaucho type, having as theoretical basis researchers such as Zilá Bernd (1988; 2018), Lélia Gonzalez (1988), Edizon León Castro (2015), Quintin Quintana (2023) among others. Oliveira Silveira's poetry builds a universe of subjectivity and sensitivity by reproducing episodes from the past, and makes literature an instrument of protest, valuing the participation of black people in society and making blackness a source of pride, of dignification for black people

Keywords: Afro-gauchity; Cimarronaje: Poetry: Culture.

Resumen

El ensayo destaca la afro-gauchidade y el cimarronaje presentes en la Décima do negro peão, en la que Oliveira Silveira evoca la identidad gaucha, reproduce las acciones de los negros y los sitúa como agentes culturales de significativa participación social. Aborda su trayectoria personal, sus orígenes rurales, su formación intelectual y su condición de poeta con una vasta obra de significativa importancia en el panorama cultural. Se utilizó la investigación bibliográfica con una lectura atenta del poema Décima do Negro Peão, parte de la antología Oliveira Silveira: obra reunida; con el propósito de identificar la presencia negra en la vida cotidiana del medio rural de Rio Grande do Sul como forma de visibilizar y fortalecer la identidad de las personas negras en ese medio rural, así como en la construcción del tipo gaucho, teniendo como base teórica investigadores como Zilá Bernd (1988; 2018), Lélia Gonzalez (1988), Edizon León Castro (2015), Quintin Quintana (2023) entre otros. La poesía de Oliveira Silveira construye un universo de subjetividad y sensibilidad al reproducir episodios del pasado, y hace de la literatura un instrumento de protesta, valorando la participación de los negros en la sociedad y haciendo de la negritud una fuente de orgullo, de dignificación de los negros.

Palabras clave: Afro-gauchidad; Cimarronaje; Poesía; Cultura.

1 Abrindo a porteira

Falar de Oliveira Silveira, com base em sua trajetória pessoal, é reverenciar sua origem interiorana e a construção de uma poesia dentro de um universo de subjetividade e de sensibilidade quanto à reprodução de alguns episódios do passado, utiliza-se da literatura como instrumento de contestação, de valorização da participação do negro na sociedade gaúcha, em que sua afro-gauchidade é motivo de orgulho e de dignificação da pessoa negra. Para tanto, como metodologia, empregou-se a pesquisa bibliográfica com uma leitura atenta do

REVISTA DA FUNDARTE

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

poema *Décima do Negro Peão*, integrante da antologia ***Oliveira Silveira****: obra reunida*; com o propósito de identificar a presença do negro no cotidiano do cenário rural do Rio Grande do Sul como forma de dar visibilidade e fortalecer a uma identidade nesse ambiente campeiro, bem como na edificação do tipo gaúcho. Aliada à leitura do poema, como embasamento teórico, buscou-se apoio em pesquisas realizadas por estudiosos da temática africana, tais como Zilá Bernd (1988; 2018), Lélia Gonzalez (1988), entre outros, além de Edizon León Castro (2015) e Quintin Quintana (2023) em relação à cimarronaje; conferindo, desse modo, um diálogo produtivo no âmbito das discussões teóricas e reflexivas.

Legitimo representante da negritude[1] sul-rio-grandense além-fronteiras, Oliveira Silveira, poeta nascido em 1941, na Serra do Caverá, distrito de Touro-Passo, município de Rosário do Sul, no Rio Grande do Sul, filho de Felisberto Martins Silveira, branco, brasileiro e filho de pais uruguaios, e de Anair Ferreira da Silveira, negra, filha de pai e mãe negros sul-rio-grandenses. Assim sendo, traz em sua ascendência o sangue uruguaio proveniente do pai, e as maternas origens africanas e gaúchas de "seu" Felisberto e de "dona" Anair, como expressa em versos, ao dizer: "[...] encontrei minhas origens / na cor de minha pele / nos lanhos de minha alma / em mim" (SILVEIRA, 2022, p. 136).

Possui graduação em Letras – Português e Francês e respectivas Literaturas – pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, com atuação na docência de português e literatura. Exerceu atividades jornalísticas, por meio de artigos, reportagens, e alguns contos e crônicas publicados na imprensa; atuou em diversos movimentos negros, como pesquisador e poeta, tendo integrado o grupo Palmares, considerado um dos responsáveis pela fixação do dia 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra, data da morte de Zumbi dos Palmares.

Seu primeiro livro *Germinou* é do ano de 1962, depois vieram: *Poemas Regionais* (1968), *Banzo, Saudade Negra* (1970), *Décima do Negro Peão* (1974), *Praça da Palavra: poemas* (1976), *Pêlo Escuro: poemas afro-gaúchos* (1977), *Roteiro dos Tantãs* (1981), *Poema sobre Palmares* (1987), entre outros. Participou

[1] O movimento da negritude teve seu início, de forma organizada ideologicamente, por volta dos anos 1930 na França, quando o termo *négritude* foi usado por Aimé Césaire, que fazia parte de um grupo de antilhanos e africanos concentrados em Paris (SILVA; BEZERRA, 2013).

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

de publicações em Antologias tais como *Cadernos Negros* e *Axé*. Sua produção integra a coletânea organizada por Ronald Augusto, intitulada *Oliveira Silveira: obra reunida*, já em segunda edição, lançada em 2022 e com a chancela do Instituto Estadual do Livro.

Com relação à sua produção poética, Zilá Bernd enfatiza que:

> [...] a contribuição de Oliveira Silveira ganha importância por sua originalidade. Oliveira Silveira rejeita sistematicamente a evocação da "contribuição" do negro na construção da história rio-grandense. Para ele, a palavra não é "contribuição", mas participação ativa, o que o leva a redimensionar a atividade do negro, que emerge na trama poética de maneira substantiva (BERND, 1988, p. 84).

Considera-se que a negritude tem como propósito fazer do negro um sujeito ativo, atuante e participativo, seja em relação a suas manifestações culturais e, por extensão, na sociedade (MEDEIROS; PERES, 2023). Cabe destacar a singularidade temática de Oliveira Silveira, tendo em vista a aproximação simultânea entre a identidade negra e a identidade gaúcha (BERND, 2018), ao inserir, poeticamente, no amplo espectro do tradicionalismo, a gauchidade negra presente em trabalhos como, por exemplo, *Bandone do Caverá*, os poemas afro-gaúchos de *Pêlo Escuro*, como "Platinos", "No mapa" e "Passado infame", de *Roteiro dos Tantãs*, em que busca a predominância da identidade afro-gaúcha como contestação ao mito do gaúcho branco construído pelo folclore tradicionalista, evocando a negritude como movimento capaz de romper com o padrão cultural imposto pelo colonizador (BERND, 1988).

A atuação de Oliveira Silveira, enquanto poeta e intelectual, merece destaque em relação à temática desenvolvida, a busca em transpor limites regionais e fazer da poesia um veículo de expressão de uma linguagem cultural. A contundência de seus versos evidencia o vigor da negritude sul-rio-grandense enquanto elemento formador da cultura e da sociedade gaúchas, e agente articulador da cultura negra em busca de transformações do lugar social por intermédio da escrita.

Pode-se dizer que Oliveira Silveira busca reconfigurar a história e a trajetória da população negra inserida na América Latina mediante o cruel processo de escravização, além de inserir o negro como protagonista de sua própria história; de

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

modo que sua afro-gauchidade representa uma espécie de *cimarronaje* estético-literária e cultural, que pode ser comprovada pela análise do poema *Décima do negro peão*.

2 Acordes de um ativismo poético e político

A literatura é capaz de superar barreiras do poder, provocar modificações na sociedade e ser responsável por resultar em uma revolução cultural a ocasionar transformações na maneira de pensar e de agir dos leitores. É nesse cenário que se descortina a produção literária de Oliveira Silveira, ao valorizar as origens, acreditar no que escreve e equilibrar-se como cidadão e autor na "batalha" constante de superar preconceitos, destruir estereótipos e provar sua capacidade como "homem das letras" e "sujeito atuante".

Oliveira Silveira busca uma identidade coletiva em que a imagem do negro transcenda estereótipos (BERND, 2018), e sua negritude tem como propósito fazer da pessoa negra um sujeito ativo, atuante e participativo, ao buscar ou mesclar elementos sul-rio-grandenses com a temática africana; com isso, comprova que a cultura se sobrepõe a questões de estratificação social ou racial. Assim sendo, estampa originalidade ao exaltar a afirmação da identidade negra com poeticidade, em que o negro supera os profundos obstáculos interpostos desde a escravidão, por meio de um canto de superação e de verdade em relação às suas capacidades.

A produção artística de Oliveira Silveira remexe em um passado que precisa ser reescrito e ressignificado, em que a presença e a atuação do negro sirvam como marco de importante referência para a consolidação do que se entende por cultura pampiana na contemporaneidade. Evidencia-se um texto de considerável valor enquanto produto literário uma vez que está diretamente relacionado à significação de quem escreve e, com isso, acaba por influenciar seus leitores, na medida em que ideias ganham espaço no cenário social; sua veiculação parte de quem lê os versos e compreende neles a mensagem expressa e possíveis desdobramentos, ao demonstrar, com a potência de seus versos, que há marcas significativas do negro na cultura e na arte, integra a história sul-rio-grandense como agente participante da formação social, cultural e econômica do

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

Estado.

Como cidadão, Oliveira Silveira mesclou sua atuação política em diversos movimentos negros, e dessa participação brota o “vinte de novembro” como uma data a simbolizar as aspirações frente aos processos de discriminação, marginalização e invisibilização do povo negro, ou seja, adquire a conotação de um desejo de se desconstruir o mito da “liberdade” obtida com o “treze de maio”. Alejandro Frigerio (2008) aponta que, para se suplantar uma narrativa de invisibilização, faz-se necessário ressaltar a influência da cultura africana, não como algo ocorrido no passado, e sim como presença constante, que deve ser realimentada com novos elementos no presente.

Oliveira Silveira se insurge contra a invisibilização e silenciamento direcionados à cultura negra, ao redesenhar o fazer literário livre de atrelamentos, em um processo de recuperação das origens africanas e o assentamento de uma temática negra incorporada ao contexto literário e cultural do país. Cabe ressaltar que a população negra, após todo o sofrimento do período escravista, obteve uma “libertação” sem o devido planejamento ou organização por parte dos órgãos do poder; pessoas foram jogadas à margem da esfera social, econômica e cultural, sem uma política pública ou orientação para a devida inserção nessa nova paisagem que se descortinava com a abolição, e que trouxe consigo, entre tantos desdobramentos, a marginalização, os preconceitos e o estigma de que a cor da pele justificaria a invisibilização direcionada ao povo negro.

O vigor de sua linguagem e o orgulho da condição de descendente de escravizados, de classe humilde, estabelece o resgate de uma história de luta contra as injustiças e o preconceito com relação aos negros; trata-se de um artista de personalidade forte e que soube transitar em diferentes níveis sociais, a enaltecer a memória do negro em um cenário que prioriza ações e criações do branco; deu asas a seu cantar e às opiniões manifestadas. Como, por exemplo, no momento em que, poeticamente, atualiza a condição do negro e escreve: “[...] quer dizer: ainda se liberta / de mil disfarçadas senzalas / prisões / diabo a quatro / onde tentam mantê-lo agrilhoado” (SILVEIRA, 2022, p. 181).

Oliveira Silveira sai do interior do Rio Grande do Sul e conquista reconhecimento no cenário nacional e internacional por meio de sua arte, bem como por seu envolvimento com a causa negra, reconhecido como um poeta que

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

buscou mesclar elementos sul-rio-grandenses e a temática africana, demonstrando que a cultura não depende de estratificação social ou racial; de modo a representar, com suas criações, a qualidade, o talento e a atuação do negro para o engrandecimento da cultura nacional.

Busca no passado a paisagem que irá caracterizar o sujeito poético no presente, ao revisitar uma imagem mitificada e ressignificá-la por meio da inserção do negro como integrante da cultura sul-rio-grandense, em um processo de constante renovação ao longo do tempo. Permite, com sua escrita, que se possa "[...] refletir sobre uma conceitualização que esteja adequada a esta escrita e que não deprecie o vigor do texto que, pelo menos no Brasil, costuma ser criticado por tratar de temáticas que evidenciam o ativismo (SILVA, 2022, p. 124).

O tratamento poético oportuniza a recriação do passado por meio de linguagem poetizada que amplia os limites de interpretação de um determinado período histórico, atribui nova fisionomia à participação do negro, ao mesmo tempo em que faz releituras de obras literárias que trouxeram o negro como personagem, como no caso do conto "Negro Bonifácio", de João Simões Lopes Neto[2], quando escreve: "Mas não é o que me preocupa / nesse causo de perigo / Bonifácio, o que me intriga / nem é teu feito de um: / é tanto homem e nenhum / pelear de mano contigo". (SILVEIRA, 2022, p. 191).

Combate a invisibilidade social que designa pessoas não notadas em razão de preconceitos ou indiferença, com base, por exemplo, em critérios sociais, estéticos, econômicos e históricos, prática decorrente do estigma e do preconceito que resulta, por vezes, até em perda de identidade, pois, "A escravização dos africanos não resultou apenas em perda da liberdade, mas também perda da sua identidade e consequente invisibilidade" (GIRON; RADUNZ, 2012, p. 146). Constata-se o poder de criação por intermédio de uma manifestação artística que possibilita a ressignificação de um passado, o do negro escravizado, e a interpretação desse passado no presente, mediante a expectativa de que se poderá ter um futuro com menos preconceito, com a devida atribuição de valor à efetiva participação do negro na construção da sociedade ao longo do tempo.

[2] Conto integrante da obra *Contos Gauchescos*, de João Simões Lopes Neto. In: Lopes Neto, João Simões. **Contos gauchescos e Lendas do Sul**. ed. anotada por Luís Augusto Fischer. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

3 Ressoam a cultura e a identidade afro-gaúcha e afro-americana

Observa-se em Oliveira Silveira um versejar pleno de criatividade, a fusão de componentes pertencentes ao contexto sul-rio-grandense com a temática africana, cuja poesia solidifica a identidade negra com versos eivados de força, originalidade e superação, e com ampla significação política, social e racial. Aproxima traços identitários dos negros e dos demais habitantes do Rio Grande do Sul, como forma de demonstrar a igualdade havida, e não reconhecida, na edificação do território gaúcho e, por extensão, da América Latina; para ele, a pessoa negra ocupou um espaço de ação e de atuação, juntamente com os demais indivíduos, pois não deve haver diferenciação entre seres humanos, muito menos estratificação em razão da cor da pele ou de misérias sociais.

As manifestações artístico-literárias e culturais exteriorizadas projetam uma identidade afro-gaúcha ao lado da institucionalizada pela sociedade branca, enaltece uma negritude plena de cultura e de tradições que se insurge contra o determinismo cultural imposto pelos colonizadores. Com sua poesia, constrói um universo de subjetividade e de sensibilidade que, ao reproduzir episódios do passado, como a escravidão, faz com que esse acontecimento represente um significativo vestígio, cujas marcas não o impediram de se expressar com intensa vitalidade imaginária, pois maneja a linguagem com propriedade, de forma clara e intensa, em que postula uma realidade dentro do universo ficcional.

Elabora uma construção artística que emana um significativo poder de persuasão e se caracteriza como um artífice da arte, seguro em suas convicções e batalhador por suas crenças, tanto sociais e políticas, como religiosas. Oliveira Silveira escreve com base em registros históricos e experiências pessoais, cristaliza sua evolução poética ao partir de experiências singulares que, no contexto dos poemas, adquirem amplitude universal; ou seja, “encontra suas origens” em livros e arquivos, em tumbeiros e grilhões e, a partir disso, ele mesmo se coloca na condição de representante de uma cultura com elevados traços de significação e de representatividade.

Em seus escritos, identifica-se o negro como um agente cultural que atuou nos mais variados universos da sociedade, e não está restrito ao Rio Grande do Sul, ao transbordar manifestações culturais de uma riqueza incomparável e que,

REVISTA DA FUNDARTE

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

cabe salientar, formatou a construção da sociedade latino-americana com seu trabalho e participação. Dotado de uma universalidade temática, Oliveira Silveira ultrapassa os limites do regional e, a partir da arte como resistência e coragem, faz da cultura negra um marco relevante a ressignificar, de modo vigoroso, crenças, costumes e tradições que remontam a ancestralidade africana que tanto enriquece o patrimônio cultural latino-americano.

Os versos representam a força constante no propósito de se desconstruir uma identidade erigida sob falsos preceitos de servidão e de ausência de cultura imposta às pessoas escravizadas e, por extensão, a seus descendentes. Em sua poesia, tem-se a síntese do que pode representar a autêntica *amefricanidade*, termo cunhado pela intelectual e ativista Lélia Gonzalez que, de acordo com a autora, "[...] o termo amefricanas/amefricanos designa toda uma descendência: não só a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro, como a daqueles que chegaram à AMÉRICA muito antes de Colombo" (GONZALEZ, 1988, p. 77), e que se faz presente na cultura hispano-americana; ao romper os limites territoriais do interior do Rio Grande do Sul, enaltecer a condição de afrodescendente e construir uma poesia com uma universalidade e atualidade em termos de produção, esses indicadores o inscrevem como legítimo representante da amefricanidade brasileira.

O mito da superioridade branca instaura o racismo[3], acaba por fragmentar a identidade racial e internaliza-se a busca pelo embranquecimento, o que faz com que haja a negação da própria raça e, por extensão, da própria cultura, pois conforme Gonzalez:

> Embora pertençamos a diferentes sociedades do continente, sabemos que o sistema de dominação é o mesmo em todas elas, ou seja: o *racismo*, essa elaboração fria e extrema do modelo ariano de explicação, cuja presença é uma constante em todos os níveis de pensamento, assim como parte e parcela das mais diferentes instituições dessas sociedades (GONZALEZ, 1988, p. 77).

Com o tempo, a violência contra os povos escravizados adquire novos contornos de modo a fazer com que a prática cotidiana dessa violência assim não pareça e se revele como um atestado de "verdadeira superioridade": "[...] o racismo

[3] De acordo com Azevedo (2022, p. 109): "Todo racismo é social, político e coletivo, porque destrói a possibilidade de reconhecimento da dimensão individual do outro".

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

desempenhará um papel fundamental na internalização da "superioridade" do colonizador pelos colonizados" (GONZALEZ, 1988, p. 72), de modo a deixar bem claro que os objetivos se fundamentavam em exploração/opressão.

Os vestígios de *amefricanidade* podem ser observados nas revoltas ocorridas, nas estratégias de resistência cultural elaboradas, na busca por alternativas de organização *cimarrones* social com base na liberdade, concretizadas pelos quilombos, pelos, pelos *palenques*, entre outros. Assim como na expressividade dos versos de Oliveira Silveira, ao dotá-los, ao mesmo tempo, de uma estética revolucionária e poética, em que a palavra está a serviço de uma ideia, de um objetivo.

4 Timbres de *cimarronaje* e milongueios em "Décima do negro peão"

Falar de Oliveira Silveira é retratá-lo como alguém que "[...] além de estar atento às questões históricas e sociais dos afro-brasileiros, também respondeu crítica e criativamente ao seu tempo-espaço" (AUGUSTO, 2022, p. 21); pessoa que "[...] foi construindo uma imagem do negro e da África dentro de suas poesias, ressignificando e estabelecendo uma representação positiva da população negra ou de afrodescendentes (CAVALCANTE E SILVA, 2015, p. 21). Um poeta cujos versos "[...] são como os instrumentos musicais que emitem sons variados, mas ressoam em um único ritmo, numa cadência de símbolos que transformam a dor em amor" (BOEIRA, 2013, p. 22); visto também como "[...] intelectual diaspórico e contemporâneo, como produto e produtor de narrativas e contra discursos que colocam em xeque valores, signos e símbolos dominantes sobre projetos hegemônicos de identidade (SILVA, 2014, p. 200).

A intelectualidade e a produção literária de Oliveira Silveira dialogam com o termo *cimarronaje* que, nesse ensaio, parte do estudo de Edizon León Castro, ao propor uma releitura crítica do termo e vê-lo como um aprendizado de acontecimentos do passado, capaz de provocar novas lutas existenciais, ao estabelecer que: "[...] *el cimarronaje se constituye en una opción de existencia y, por tanto, de vida para la reconstrucción de ese Ser. El existencialismo, la existencia, la libertad, la colonialidad del Ser y decolonialidad, serán los conceptos fundamentales"* (CASTRO, 2015, p. 156).

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

A *cimarronaje* de Oliveira Silveira verte como brado de resistência frente às desconsiderações e violências praticadas contra pessoas negras desde o período colonial; e, com sua produção poética, faz com que "[...] *el cimarronaje se convierte en el núcleo relacional de reconstrucción cultural que permite hablar, pese a las disimilitudes, de realidades nacionales o regionales*" (MIRANDA ROBLES, 2011, p. 50). Elabora uma espécie de ressignificação cultural expressa em versos como: "Na cara e nos meus pelegos / o vento do pampa bravo / parecia ao me ver negro / querer que inda fosse escravo" (SILVEIRA, 2022, p. 235), extraídos de *Décima do negro peão*, poema integrante da coletânea *Oliveira Silveira – Obra Reunida*; onde as constantes evocações à ancestralidade africana funcionam como mediação entre sofrimentos e lutas do passado, necessidade de expressão no presente, e expectativa de uma construção social igualitária e justa no futuro.

A vertente poética do autor incorpora o negro como agente cultural na formação do vasto mosaico que permeia o regionalismo do Rio Grande do Sul e demarca com rara qualidade traços originários de sua ascendência africana. Indo além da mera questão identitária, por mostrar que "[...] o habitante do campo foi gaudério, nômade e viveu também à margem da sociedade escravagista, sendo quilombola também, o gaúcho negro sempre existiu e existe" (CAVALCANTE E SILVA, 2015, p. 72).

Ao utilizar o termo "Décima", estabelece um elo entre a produção cultural do Rio Grande do Sul e as raízes africanas arraigadas nesse solo, uma vez que a décima se constitui de uma estrutura de versos muito utilizada nas *payadas*, um importante referencial africano, em razão de a oralidade ser o ponto alto dessa modalidade de versificação e, segundo Andrews (1989):

> Eso era lo que podía esperarse, considerando que la forma de arte era en gran parte africana en su derivación. Era la payada, una especie de duelo poético en el que guitarristas cantores componen espontáneamente versos sobre un tema dado o en respuesta a desafíos mutuos. Una variación vocal de las tapas, los duelos de tambores, la payada era la descendiente [...] de la tradición que ha producido fenómenos análogos en cada país americano donde existe una gran población negra (ANDREWS, 1989, p. 200).

Além disso, cabe ressaltar a importância de outro grande expoente da cultura negra sul-americana, o argentino Gabino Ezeiza, considerado o introdutor

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

da milonga[4] como ritmo para o acompanhamento das *payadas*, um artista de personalidade forte e que soube transitar em diferentes níveis sociais, a enaltecer a memória do negro num cenário que priorizava ações e criações do branco. Desse modo, verifica-se o propósito de Oliveira Silveira em desconstruir uma narrativa de invisibilização a partir do momento em que destaca a influência da cultura africana e, por meio de sua poesia, registra uma cultura histórica que perpassa gerações e consagra a atuação do negro em todas as escalas sociais, ou seja, se o ingresso na América foi na condição de escravizado, com inteligência e capacidade de superação, tornou-se possível registrar com qualidade e eficácia sua importância e cultura.

Quintin Quintana (2023) reforça que, por exemplo, na região pampiana, a milonga acompanhava o "negro *cimarrón*" que, na solidão dos campos, reproduzia o toque dos tambores nas "*vihuelas de antaño*", tratava-se de "[...] *un negro 'gaucho' que no puede tocar ya de su forma social originaria, y que en la mayoría de los casos es un veterano de las guerras de independência, queda hecho um cimarrón, le guste o no*" (QUINTANA, 2023, s. p.).

Estudar a simbologia poética presente em *Décima do negro peão* é transpor os limites geográficos e territoriais do Rio Grande do Sul, cruzar todo o pampa latino-americano, singrar por mares há muito navegados e "dar com os costados" em terras africanas de onde foram violentamente retiradas milhares de pessoas para serem utilizadas como mão de obra sob o hediondo regime de escravização do período colonial. Essa trajetória histórica encontra-se representada em "A galopeada primeira / pra o negro adatar-se (*sic*) ao pago / foi selim de arca negreira / no lombo arisco das vagas" (SILVEIRA, 2022, p. 235), ou seja, até chegar em terras americanas, o negro primeiro teve que domar a crueldade dos porões dos tumbeiros, e os sobreviventes agora gineteiam redomões pelas pradarias sul-rio-grandenses, apoiados na resistência herdada dos ancestrais; e

[4] A milonga vincula-se à noção de oralidade e de uma tradição que remonta à ancestralidade africana; criação diaspórica por meio da aglutinação de diversas tendências musicais já presentes no espaço pampiano (OLIVEIRA; MELLO, 2018). Para Assunção (1979), a influência africana pode ser identificada quando "[...] sobre las fórmulas rítmicas de los tamboriles afros en los bailes ceremoniales llamados "*candombes", se organizó una forma, en 2x4 con gran abundancia de sincopas, casi "intraducible" al lenguaje escrito musical, propia de esas urbes litorales, contiendo las lógicas e imaginables hispánicas, y, en lo coreográfico, de las danzas extáticas (de éxtasis) de los negros, forma de baile cantado, como todos los populares regionales, cuyo nombre, también de origen africano, significa "palabrerío"* (ASSUNÇÃO, 1979, p. 334).

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

ainda precisam domar preconceitos e desconsiderações, pois “Pra o negro puado da sorte / desterrado do seu meio / potro é montanha aos pinotes / com a selva dos arreios” (SILVEIRA, 2022, p. 235); de certo modo, vê-se uma produção escrita que “[...] corresponde à tentativa de atingir a comunidade e de atuar sobre ela como fator de unificação de seus membros e como esteio para uma ação política” (BERND, 2018, p. 160).

Quando escreve: “Nessa estância trabalhei / de ginete e de campeiro / no campo curei bicheira / fiz alambrado e lacei / amansei boi e lavrei / e também fui peão-caseiro” (SILVEIRA, 2022, p. 235), Oliveira Silveira, a partir de sua vivência no interior do Rio Grande do Sul, comprova que o negro trabalhou em atividades ligadas ao campo, tarefas tão decantadas pelo tradicionalismo, abarca a histórica participação dos escravizados na economia sul-rio-grandense e simboliza aspectos identitários que não estão atrelados à questão da cor da pele, ou seja, pode-se dizer que sua poesia “[...] *se trata de una forma de ser cimarrona, es decir, una respuesta activa, creativa y permanente en que el colonizado se mueve en relación al colonizador* (FILIPICH, 2019, p. 140).

Sua temática vai além da diferença de cor, pois traz para seus anseios as mesmas dores e dificuldades de outros necessitados, como se pode notar em: “É triste a vida de estância / para o peão assalariado / o soldo é mui desbotado / e pra todos a mesma dor: / sem diferença de cor / igualmente escravizados” (SILVEIRA, 2022, p. 236), escancara a invisibilidade social imposta a pessoas não notadas em razão de preconceitos ou indiferença, com base, por exemplo, em critérios sociais, estéticos, econômicos, históricos.

E reforça preocupações com as injustiças sociais no verso seguinte, quando diz: “Pobre preto, branco pobre / diferença da ilusão! / Na vida braba de peão / é o mesmo trabalhador: / são diferentes na cor / mas iguais na exploração” (SILVEIRA, 2022, p. 236), ou seja, a tão propalada “democracia rural”, que edificou os preceitos tradicionalistas, simbolizada na figura do peão rural, protótipo mitificado pela literatura gauchesca e cultuado por entidades tradicionalistas, não corresponde à realidade; novamente, demonstra que o negro integra a paisagem geográfica e cultural do Rio Grande do Sul; com o emprego da subjetividade, redesenha um passado de sofrimentos e de privações, e o ressignifica por meio de uma construção poética que engloba o regional, o nativo, com contornos de

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

universalidade.

Cabe ressaltar também as variações linguísticas reproduzidas no poema, pois além de expressões regionais (guasqueando, pilongo, cangote, aporreado, por exemplo), vocábulos africanos (cacunda, capenga, surungo, catinga, milonga, entre outros), há também o espanhol na construção de versos, plenos de significação e lirismo, como em: “Toco cordeona e viola / pouquito mas sem engano / la me caya en las manos / la que en mis manos se ponga / y al compás de la milonga / le canté pal Castellano” (SILVEIRA, 2022, p. 236), bem como denunciar violências praticadas por cânones da literatura sul-americana contra não-brancos, como no caso de José Hernandez, ao milonguear desse modo: “Entre outras coisas lhe disse / num espanhol de fronteira: / -El relato de Martín Fierro / es cosa de buen artista / no tan buena por racista / contra el índio y contra el negro” (SILVEIRA, 2022, p. 237), isto é, vê qualidades no texto de Hernandez, no entanto, não concorda com o tratamento racista dado a negros e índios, em um claro posicionamento contra o preconceito.

Ilustra, igualmente, a aculturação observada, mediante processo de assimilação/adaptação, de componentes integrantes de uma dada cultura e pelo contato estabelecido entre grupos distintos; é o que se nota em: “La milonga hecha en la prima / y en la cuerda mí bordón / y aquella palabra tango / llorando en el bandonión; hay algo mui africano / en el tambor y su son (SILVEIRA, 2022, p. 237), uma vez que milonga e tango têm idêntica procedência, ambos são ritmos de origem africana que passaram pelos mais diversos processos de aculturação ao longo do tempo; ao lado do bandoneon importado da Alemanha, a milonga incorpora o soar de um tambor, como forma de reverenciar a africanidade presente no ritmo.

Há espaço para o romantismo do negro gaúcho em relação à sua “prenda” negra: “Aquela peona da estância / de alva na carapinha / aproximava as distâncias / de longes raízes minhas” (SILVEIRA, 2022, p. 239); eis o momento em que o peão negro encontra o amor e, com ele, retoma o elo com suas raízes originárias. Há uma transformação na forma de ser e de viver do eu-lírico, pois ele se rende aos encantos e beleza da amada, a ponto de aceitar a única submissão possível: “Não nasci no cativeiro / fui sempre um crioulo altivo / mas seu olhar candongueiro / me fez escravo cativo” (SILVEIRA, 2022, p. 239).

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

Há toda uma simbologia poética nos versos que compõem a “Décima do negro peão”, e essa potência também se faz presente no momento em que evoca a participação do negro em tantos combates havidos, em terras brasileiras e além-fronteiras: “Senti o ímpeto paisano / do negro escravo guerreiro / peleando com os castelhanos / ao lado dos brasileiros [...] peleando com os brasileiros / ao lado dos castelhanos [...] do negro escravo retinto / peleando como lanceiro / na guerra de trinta e cinco” (SILVEIRA, 2022, p. 241). Aqui, o poeta evoca o ímpeto dos escravizados que não se submeteram às violências do período colonial, e foi essa energia que transformou seus descendentes em guerreiros, novamente colocados em pé de igualdade com os brancos que tanto os diferenciam e os desrespeitam.

E, novamente, analisa os resultados obtidos com essas participações bélicas, ou seja, a desconsideração e a invisibilização registrada nos livros de história, pois, conforme o poeta: “Senti o ímpeto soldado / do negro preto-muçum / peleando de qualquer lado / perdendo de qualquer um” (SILVEIRA, 2022, p. 241), vê-se, assim, que mesmo tendo lutado como os brancos, ao negro coube apenas um apelido discriminatório (“muçum”) e a negativa de qualquer tipo de ascensão social.

É significativa a leitura que Oliveira Silveira faz do “gauchismo” imposto pelo tradicionalismo, exclusivamente voltado para pessoas brancas, em que, novamente, traz o negro para o lugar de destaque tão merecido, enaltece seus feitos e atribui os mesmos valores consagrados por aqueles que se consideram superiores, mesmo sem sê-los. É com essa força poética que nos brinda com: “Neste pago em qualquer canto / há muito negro de luxo / mais taura que o taura branco / mais santo e também mais bruxo / mais altivo, leal e franco / mais campeiro e mais gaúcho” (SILVEIRA, 2022, p. 237); com isso, comprova sua *cimarronaje* ao ressaltar a coragem, a religiosidade, os valores morais e a tenacidade em atividades de campo do gaúcho negro, do ser humano que deve ser respeitado e reverenciado por sua participação como cidadão na construção de uma sociedade.

5 ARREMATES POSSÍVEIS A UM GRANDE VERSEJADOR

Para Oliveira Silveira, a pessoa negra não é um mero objeto inerente a um

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

contexto social, e, sim, um personagem atuante na construção da sociedade, não como mão de obra, mas como sujeito/agente cultural. Sua poesia busca aproximar traços identitários dos negros e dos demais habitantes do Rio Grande do Sul, como forma de demonstrar a igualdade havida na edificação do território gaúcho e, por extensão, da América Latina.

Destaca-se pela afro-gauchidade expressa em seu cantar, ao enaltecer a identidade gaúcha daquelas pessoas com ascendência africana, desde o período histórico que remonta às origens do território latino-americano que, com a chegada do invasor branco, encontrou os povos originários e a eles adicionou, por meio do sequestro escravizador, o elevado contingente de pessoas negras em solo americano. O sujeito lírico traz uma identidade gaúcha e reverbera a ancestralidade africana ao adicionar elementos da cultura originária a componentes trazidos pelos colonizadores; ouve-se uma voz de resistência, uma mensagem libertária a romper as amarras do preconceito e da discriminação, um espirito revolucionário a querer mudar prerrogativas estabelecidas que impuseram ao negro a condição de serviçal, desprovido de referências culturais.

Com sua poética, identifica o negro como agente cultural de significativa atuação nos mais variados universos da sociedade; e não fica restrito ao Rio Grande do Sul, ao transbordar manifestações culturais de riqueza incomparável que formatou a construção da sociedade latino-americana com seu trabalho e participação. E, desse modo, gera uma *cimarronaje* cultural que abarca as origens de um sujeito escravizado, pela força tornado um objeto, um serviçal, mas que sobrevive a isso, sobrepõe-se ante as dificuldades e deixa impressos na sociedade os mais significativos registros socioculturais, que merecem as mais efusivas considerações pela relevância, riqueza e tantos ensinamentos que proporcionam.

Trata-se de uma poesia que pode ser entendida como ato político manifestado pela subjetividade de quem reconhece que suas origens remontam aos negros escravizados e a cor da pele cristaliza o estigma do preconceito racial. Em sua "*Décima*", faz do negro um sujeito social plenamente inserido ao contexto, ciente da condição de invisibilizado, porém com fibra e consciência de seus valores e importância; ao reproduzir atividades e experiências cotidianas em que o negro se localiza no centro do que está sendo expresso, é parte integrante de um processo, porém agora na condição de protagonista.

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

Oliveira Silveira escreve com criatividade e criticidade, utiliza a literatura como um instrumento de contestação de situações vigentes e valoriza a participação do negro na edificação da sociedade. Suas atitudes comprovam a *cimarronaje* cultural que faz da negritude motivo de orgulho, fator de dignificação da pessoa negra, desde o ingresso, sob a condição de escravizada, até as gerações subsequentes que continuaram sendo invisibilizadas e tendo que provar, cotidianamente, a condição de integrante do contexto social, com direito à cidadania plena.

Constitui-se, assim, em um *cimarrón*, pois empreende uma ação cultural coletiva que busca aspectos históricos comuns, retira o negro do "entrelugar" a que foi lançado, e o insere ao lado do branco; evoca origens africanas, instaura um sentido de pertencimento e recria formas de expressão que modificam as estruturas do poder estabelecido. Evidencia-se uma personalidade *cimarrona* a produzir versos com uma potência capaz de promover uma autoafirmação identitária feito bandeira de orgulho e de luta contra a discriminação e o preconceito, e faz da "*Décima*" um quadro pulsante da atuação do negro na história passada e presente do Rio Grande do Sul.

Sua afro-gauchidade irradia um manancial lírico enquanto criação revestida de arte a ressignificar o passado, com o olhar no presente e intuito de antecipar o futuro, a partir de ações do negro enquanto sujeito poético a ultrapassar estereótipos, solidificar essa identidade como símbolo de pertencimento e protagonista da matriz cultural sul-rio-grandense e latino-americana; tudo isso pode ser entendido como o estabelecimento de pressupostos identificadores de sua *cimarronaje*.

Referências:

ANDREWS, George Reid. ***Los afroargentinos de Buenos Aires***. 1800-1900. Tradução: Antonio Bonanno. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1989.

ASSUNÇÃO, Fernando O. **El gaucho**: estudo sócio-cultural. Tomo II. Montevideo: Dirección General de Extension Universitária. Divisões Publicações y Edições, 1979.

AUGUSTO, Ronald. Oliveira Silveira, a palavra está firme – poesia reunida. In: **Oliveira Silveira**: obra reunida. 2. ed. Ronald Augusto (org.). Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2022.

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

AZEVEDO, Luiz Mauricio. **Afromarxismo**: fragmentos de uma teoria literária prática. Porto Alegre: Sulina. 2022.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. 2. ed. Porto Alegre: CirKula, 2018.

BOEIRA, Eloísa Elena Prates. **Pelo escuro**: a poesia afro-brasileira de Oliveira Silveira. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – PpgEL. Mestrado em Literatura Comparada. Linha de Pesquisa: Estudos Interdisciplinares do Discurso Literário. Orientadora Profa. Dra. Tânia Maria de Araújo Lima. Natal, 2013.

CASTRO, Edizon León. **Acercamiento crítico al cimarronaje a partir de la teoría política, los estudios culturales, y la filosofía de la existencia**. Doctorado en Estudios Culturales Latinoamericanos. Universidad Andina Simón Bolívar Sede Ecuador Área de Estudios Sociales y Globales, 2015.

CAVALCANTE E SILVA, Aline. **História e cultura histórica**: a escrita negra de Oliveira Silveira (1962-1988). Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA, Programa de Pós-Graduação em História – PPGH. Dissertação de Mestrado. Orientador: Prof. Dr. Elio Chaves Flores – Linha de Pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos. João Pessoa – PB, 2015.

FILIPICH, Cristina Elena Álvarez. **Texaco de Patrick Chamoiseau y Um defeito de cor de Ana Maria Gonçalve**s: *una lectura desde el cimarronaje cultural*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso. Área de Concentração: Estudos Interdisciplinares de Cultura, Linha de Pesquisa: poéticas contemporâneas. Orientador: Prof. Dr. Mário Cezar Silva Leite. Cuiabá-MT, 2019.

GOLDMAN, Gustavo. **Lucamba**. *Herencia africana en el tango*.1870-1890. Montevideo: Perro Andaluz Ediciones, 2008.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de *amefricanidade*. In: **Tempo brasileiro**. Rio de Janeiro. nº. 92-93 (jan./jun.) 1988. p. 69-82.

MAKL, Luis Ferreira. Artes musicais na diáspora africana: improvisação, chamada-e-resposta e tempo espiralar. In: **Literatura e música**. n. 11 – 1º semestre de 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/23365/21035>. Acesso em: 05 out. 2023.

MEDEIROS, Fabiana Curioni de.; PERES, Aparecida de Fatima. **Literatura e identidade negra**: questões de cor ou de raça? Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>. Acesso em: 03 out. 2023.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

MIRANDA ROBLES, Franklin. Cimarronaje cultural e identidad afrolatinoamericana. Reflexiones acerca de un proceso de autoidentificación heterogéneo. In: **Revista Casa de las Américas**, n. 264, julio-septiembre, 2011 (p. 39-56).

OLIVEIRA, Suzan A, de; MELLO, Carla Cristiane. **De payadas e milongas**: os saberes da voz. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2011n11p71>. Acesso em: 12 out. 2020.

QUINTANA, Quintin. Las raíces de la milonga. In: **Latitud Barrilete**. Disponível em: <http://latitudbarrilete.blogspot.com/2007/02/las-races-de-la-milonga_04.html>. Acesso em: 10 out. 2023.

SILVA, Liliam Ramos da. Literaturas da Améfrica Ladina: um percurso pelas literaturas de autoria negra latino-americana. In: **Herança** – Revista de História, Patrimônio e Cultura. vol. 05, n. 02, 2022. (p. 119-140).

SILVA, Santa Julia da. *"Vem vamos juntos! Dá-me tua mão e vamos juntos!"*: **Reconhecimento e narrativas sobre a trajetória de Oliveira Silveira**. Universidade Federal de Pelotas. Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Dissertação de Mestrado. Orientadora: Profa. Dra. Rosane Aparecida Rubert. Pelotas, 2014.

SILVEIRA, Oliveira. Décima do negro peão. In: AUGUSTO, Ronald. Oliveira Silveira, a palavra está firme – poesia reunida. In: **Oliveira Silveira**: obra reunida. 2. ed. Ronald Augusto (org.). Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2022.

Recebido em: 30/01/2024.
Aceito em:15/05/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Jucelino Viçosa de Viçosa
Doutor em Memória Social e Bens Culturais - Universidade La Salle (Canoas/RS). Possui Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle - Canoas/RS (2017); Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade da Região da Campanha - URCAMP (2006), Especialização em Literatura Brasileira pela UFRGS (2024) e graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Campus II (1984); atualmente, cursa Letras-Espanhol pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel/RS. Atua como Técnico em Assuntos Educacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, exerceu esta mesma atividade na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM - Campus Palmeira das Missões (RS); tendo sido Fiscal de Tributos da Prefeitura de Itaqui, e atuou como professor estadual e municipal, além de revisor do Jornal Folha de Itaqui e foi membro do Conselho Municipal de Educação de Itaqui (Rs). Tem Experiência na área de Letras, Linguística, Literatura Brasileira e Literatura Infanto-Juvenil, atuando principalmente nos seguintes temas: gramática, produção literária, análise de textos e redação.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0356-3805
E-mail: jucelino.vicosa@yahoo.com.br



Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/